

12-3-2008

A medicalização do crime: a penitenciária de Florianópolis como espaço de saber e poder (1933-1945)

F Rebelo

A Caponi

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt

Recommended Citation

Rebelo, F and A Caponi. "A medicalização do crime: a penitenciária de Florianópolis como espaço de saber e poder (1933-1945)." (2008). https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt/130

This Article is brought to you for free and open access by the Latin American Social Medicine at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Portuguese by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Rebelo F, Caponi S. A medicalização do crime: a penitenciária de Florianópolis como espaço de saber e poder (1933-1945). Interface-Comunic, Saúde, Educ. (Botucatu, Brasil) 2007 maio-agosto; 11(22):193-206.

Objetivos: Este artigo possui dois objetivos: um é analisar de que maneira os “medos” que afetaram os centros urbanos a partir do século XIX repercutiram em Florianópolis; e outro, é conhecer as estratégias criadas para seu controle, especificamente, nos centros penitenciários.

Metodologia: Analítica e descritiva com revisão de documentos da penitenciária de Pedra Grande.

Resultados: Os autores realizam uma análise da instalação e reorganização do modelo penitenciário de Florianópolis nos princípios do século passado utilizando as teorias de Foucault e de Illich e apontam que tal modelo foi criado sob a ótica do pensamento médico-higienista. Descrevem a criação de diversos centros e instituições de controle para os indivíduos considerados indesejáveis para a sociedade, como os “loucos, os menores abandonados, as prostitutas, os mendigos” e etc. Tal controle é inspirado por uma classe social burguesa com ideais de “progresso e civilização” que vêem as classes pobres como classes perigosas, portadoras de doenças e de vícios. Os autores encontram nos discursos das fontes estudadas uma preocupação muito forte pelo crime associado ao hereditário, à perversão e à higiene, sendo tal discurso marcado com um vocabulário médico-legal. O directo penal positivista, baseado nas novas ciências de então, a Criminologia e a Antropologia Criminal, foram os preceitos utilizados na maioria das prisões do país para reformar os sistemas penitenciários. Entre as primeiras medidas adotadas, os autores apontam a de categorizar e separar os “loucos” do prisioneiros comuns, assim como separar os indivíduos pelo tipo de crimes e penas imputadas. A finalidade declarada era ter um melhor conhecimento dos fatores determinantes dos crimes, convertendo o preso em objeto de uma ciência positiva que acumulava informação em forma de estudo científico através da observação da vida cotidiana dos presos, para controlá-los melhor.

Conclusões: Os autores afirmam que a criação da penitenciária Pedra Grande se originou por um lado, dos problemas que afetavam os grandes centros urbanos da época, entre eles, o problema das aglomerações urbanas, o medo do contágio e as epidemias e, por outro lado, da aceitação social das instituições de controle de seu tipo. Os autores encontram nos escritos de Araujo, orquestrador da reforma penitenciária, discursos eugenésicos onde a origem do crime é atribuído ao indivíduo, seu tipo físico e a raça a que pertence. Estes documentos expressam uma prática médica na função de um discurso jurídico ao que os autores chamam medicalização do crime.